

Elaine Fernandes

**PROFESSOR, UMA MENTE TRANSFORMADORA:
*construindo o seu próprio discurso***

Programa Rede São Paulo de Formação Docente – REDEFOR

Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UNESP

São Paulo

2011

Elaine Fernandes

**PROFESSOR, UMA MENTE TRANSFORMADORA:
*construindo o seu próprio discurso***

Monografia submetida à UNESP, como requisito parcial exigido pelo Curso de Especialização em Artes para Professores do Ensino Fundamental e Médio

Orientação: Prof^a. Simone Alves Costa

Programa Rede São Paulo de Formação Docente – REDEFOR

Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UNESP

São Paulo

2011

RESUMO

O texto apresenta a vivência da prática docente de uma arte-educadora trilhando um caminho de experimentações e conhecimento que, ao longo do processo de aprendizagem, vai tornando-se autora do seu próprio discurso. A fotografia é a protagonista da situação de ensino e aprendizagem da Arte atuando como um meio que pouco a pouco vai descortinando a percepção e a valorização das poéticas pessoais dos alunos-autores.

Palavras-chave: Professor-autor. Postura ativa. Aprendizagem mediada. Fotografia. Poética

RESUMEN

El texto presenta la vivencia de la práctica docente de una arte-educadora trillando un camino de experimentaciones y conocimiento que, a lo largo del proceso de aprendizaje, va volviéndose autora de su propio discurso. La fotografía es la protagonista de la situación de enseñanza y aprendizaje del Arte actuando como un medio que poco a poco va desvelando la percepción y a valorización de las poéticas personales de los alumnos-autores.

Palavras clave: Profesor-autor. Postura Ativa. Aprendizaje mediado. Fotografía. Poética

SUMÁRIO

Introdução	5
Arte: instrumento simbólico fantástico	5
Uma situação de ensino e aprendizagem da arte	7
Vivências e experimentos	10
Considerações finais	14
Referências	15

Introdução

Esta pesquisa teve origem na necessidade de responder a questão: o que caracteriza aulas de sucesso na prática docente da pesquisadora? Considerando o conhecimento e experiências dessa prática, vivenciada numa trajetória de estudos, memória, investigação, ações e conquista, esta narrativa pessoal fia conexões entre referenciais teóricos e a prática em sala de aula. Impulsionada por essa preocupação profissional, existe no decorrer da construção desse artigo, a busca incansável e contínua pela valorização da postura ativa do professor.

Percebendo-se como mediador do processo da aprendizagem, sujeito de pesquisa e sujeito que se torna autor, procurei descobrir/investigar sob a ótica emancipadora, o sucesso das aulas de arte, onde a aprendizagem é compreendida como um resultado de construção do esforço de atribuir e encontrar significados para o mundo.

Neste sentido, esta pesquisa se justifica pela necessidade de melhoria do Ensino de Arte, pelo compromisso do educador em buscar estratégias para elaboração de uma educação de qualidade e construção da aprendizagem mediada em arte, visando propiciar o desenvolvimento do aluno enquanto cidadão autônomo, crítico, responsável e capaz de se projetar no mundo. Além disso, este tema é relevante e necessita ser repensado para a melhoria do ensino da Arte em nossas escolas públicas como uma tentativa de valorizar o repertório de professores em formação para que se percebam Professores-Autores de seu próprio discurso, com um papel ativo no processo de aprendizagem dos alunos, e compreendam a Arte como construção, conhecimento e expressão.

Arte: instrumento simbólico fantástico

Relatar uma experiência é propor um caminho para transformar a nossa experiência prática em pesquisa, uma forma de atribuir sentido ao nosso trabalho num processo onde se enfatizam relações entre a docência, a pesquisa e a arte, ou seja, é estabelecer com o nosso cotidiano uma relação próxima ao sentido de experiência que o filósofo americano John Dewey descreve como estética. Segundo ele, a estética é a experiência que promove uma ruptura nos parâmetros habituais de sentir e pensar, não impondo critérios ao que foi experimentado no passado nem àquilo que é experimentado no presente. Conforme aponta: “Os inimigos estéticos (...) são o monótono; a lassidão dos fins indevidos; a submissão às convenções nos

procedimentos práticos e intelectuais” (DEWEY, 1974, p. 251). Neste sentido, imbuídos de atenção a cada parte desse processo, podemos reinventá-lo constantemente alcançando, desenvolvendo e vivenciando uma verdadeira experiência estética, reimprimindo em nosso dia-a-dia – estendido às experiências de vida, à nossa prática profissional, à experiência como arte e ao sentido de nossas realizações.

Experiências de uma prática docente transformadora requerem uma postura ativa do sujeito que ensina e aprende e um pensar e agir compreendendo o todo. O ensinar aqui é compreendido como a competência de propiciar modos de o próprio discente descobrir, ou seja, criar situações-problemas como sugere o pensamento piagetiano. Ao mesmo tempo em que se ensina se aprende, porque se opera com o todo colocando em jogo suas potencialidades corpóreas, intelectuais e emocionais. À luz das ideias do educador pernambucano Paulo Régis Neves Freire:

Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2007, p. 29).

Foi sob esta perspectiva que eu convergi minha postura ativa numa transformação constante, identificando-me e percebendo-me mediadora do processo de ensino-aprendizagem:

(...) a professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade; a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido. (FREIRE, 2007, p.127).

De acordo com Dewey, a escola não pode ser uma preparação para a vida, mas sim, a própria vida neste contexto processual de aprendizagem ativa. Para que a ideia da Arte seja concebida como instrumento simbólico fantástico, julgo necessário entendê-la como um meio que possibilita descortinar a percepção, aflorar a descoberta sob um caráter sinestésico, compor o olhar sensível, apurado, aberto e reflexivo.

Este instrumento fantástico, em virtude de estar na esfera da Arte, é construção e fruto de um trabalho árduo com as linguagens artísticas. Como construção, sua relação com o mundo é a de reconfigurar a realidade decorrente de cada nova percepção, nova situação, nova reflexão, nova visão. A Arte, como processo criativo e instrumento simbólico, é a combinação de aspectos racionais e intuitivos que juntos dão origem às atividades e aos produtos a ela inerentes. “Não obstante, é necessário

entender que a Arte não é apenas conhecimento por si só, mas também pode constituir-se num importante veículo para outros tipos de conhecimento humano, já que extraímos dela uma compreensão da experiência humana e dos seus valores.” (ZAMBONI, 2006, p. 22).

Uma situação de ensino e aprendizagem da arte

Desde 2007, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo implantou a Nova Proposta Curricular, cujo projeto visa propor um currículo para os níveis de Ensino Fundamental – Ciclo II e Médio. Objetiva apoiar o trabalho realizado nas escolas estaduais, melhorar a qualidade da aprendizagem dos alunos com a implantação, em sala de aula, de conteúdos mínimos a serem desenvolvidos pelos professores (pela via do Caderno do Professor).

A Nova Proposta está, segundo a Secretaria, vinculada às características do século XXI com o uso intensivo do conhecimento e da tecnologia, e tem como princípios centrais:

A escola que aprende, o currículo como espaço de cultura, as competências como eixo de aprendizagem, a prioridade da competência de leitura e de escrita, a articulação das competências para aprender e a contextualização no mundo do trabalho. (SEE, 2008).

A Proposta Curricular do 2º ano do Ensino Médio de São Paulo, presente na revista do Caderno do Professor volume 2, apresenta como tema e conteúdos: poéticas pessoais e/ ou de processos colaborativos. O caderno traz o pensamento curricular em Arte, às avessas de uma estrutura de organização de conteúdos sequenciais para Artes Visuais, Música, Teatro e Dança, existe a composição de um mapa chamado de “territórios da Arte” que, segundo seus autores, possui a capacidade de criar um encontro entre as diferentes modalidades artísticas por diversos ângulos de visão.

A situação de ensino e aprendizagem da Arte – Ensaio Fotográfico e Experimentações no Campo de Artes Visuais, foi desenvolvida selecionando para esta proposição, a fotografia – entendida como linguagem da Arte e como mote para mergulhar nas poéticas de artistas fotógrafos, sugerida na revista do Caderno do Professor Vol. 2, parte integrante da Proposta Curricular do Ensino Médio do Estado de São Paulo.

Sob a ótica de trilhar caminhos que possibilitassem aos alunos perceberem as poéticas visuais, o meu pensamento foi construindo, alterando e adaptando a situação

de ensino e aprendizagem fomentada pela ideia do filósofo italiano Luigi Pareyson no sentido de que os alunos vivenciassem um percurso de experimentação e, durante este processo, aflorassem a sua descoberta e invenção poética de tal forma que, enquanto fizessem a obra, inventassem o modo de fazer.

Objetivou-se, em um primeiro momento, trabalhar com a produção da Fotografia compreendida como Linguagem da Arte e instrumento para problematizar, cujo propósito foi de mediar os alunos na busca de perceberem suas próprias poéticas pessoais, construindo, expressando e moldando suas singularidades enquanto jovens produtores de Arte através de processos colaborativos que são: mediação dos professores no percurso de criação dos alunos, no fazer e refletir sobre artes visuais, operando com devolutivas; diálogo entre a materialidade e os suportes; a leitura, apreciação, interpretação e análise mais crítica diante de suas produções artísticas; e de viagens pelas obras dos artistas fotógrafos captando suas marcas pessoais, a essência da proposição do fotógrafo que está sendo estudado e analisado.

Busquei, ainda, possibilitar o conhecimento sobre a importância da fotografia do século XIX e XX no Brasil, assim como os fotógrafos brasileiros do séc. XXI, através do estudo de um breve histórico. Não propus respostas prontas de imediato, mas procurei compartilhar experiências de problemáticas sobre a importância da fotografia para a nossa sociedade. Após observar e ouvir as falas dos alunos, estabeleci com eles uma relação dos recursos tecnológicos empregados na fotografia e sua respectiva evolução, pontuando os comentários na lousa.

Outro objetivo importante foi compreender, analisar e aplicar os Elementos da Visualidade na Fotografia (iluminação, enquadramento, relações entre contraste de luz e sombra, atmosfera, entre outros). Estes elementos formais estão relacionados às Impressões Pessoais – tema de interesse do filósofo Roland Barthes que dizia que a expressão *Punctum* é o que nos atrai numa fotografia, o que nos toca, o que nos atravessa.

Um aspecto importante para compor o estudo e a compreensão da linguagem fotográfica foi analisar as duas realidades reveladas numa fotografia: a Realidade Aparente, entendida como aquilo perceptível aos olhos; e a Realidade Interna compreendida como aquilo que nos provoca as sensações e sentimentos que a fotografia nos desperta.

Na busca pelo *Punctum*, procurei mediar caminhos que possibilitassem aos alunos perceberem como esses elementos formais relacionados às impressões pessoais podem nos provocar sensações e sentimentos. Um dos caminhos propostos por mim foi selecionar fotografias e imagens de jornais, revistas, distribuí-las aos

grupos de alunos e pedir que decompusessem as imagens analisando seus elementos formais, possibilitando assim a leitura das imagens e a reflexão sobre questões como: é possível perceberem o *Punctum* em algumas fotografias? Por que algumas fotografias nos provocam e outras não? Qual realidade é revelada nas imagens?

Na sequência, os alunos concluíram suas análises relatando suas ideias e exemplificando o que perceberam sobre a linguagem fotográfica. Após os relatos, as imagens analisadas foram expostas na lousa com o intuito de relacioná-las à conclusão a qual os grupos chegaram. Dessa forma, os demais colegas dos outros grupos também puderam emitir suas opiniões.

Ensaaios fotográficos, que podem ser individuais ou coletivos, envolvem a ação de fotografar compondo uma série que explora um conteúdo, um procedimento e uma ideia. Neste sentido, a proposta visa fazer com que os alunos experimentem a produção fotográfica, considerando a temática de fotógrafos previamente pesquisados e realizando ensaios fotográficos nos quais eles possam trabalhar com aspectos da realidade ligados ao seu próprio cotidiano e/ou das pessoas que os cercam.

Para dar continuidade a esse processo propus pesquisas sobre artistas fotógrafos, pois através delas os alunos poderiam conhecer, analisar e perceber a marca pessoal do artista. Primeiramente, fiz uma busca pelos sites sugeridos na revista Caderno do Professor vol. 2, selecionei cerca de 25 fotógrafos. Com grupos formados entre 4 e 5 alunos, medieei a escolha do nome de um Fotógrafo sem mencionar a sua temática, procedendo da seguinte maneira: listei na lousa o nome dos fotógrafos e solicitei para que cada grupo se articulasse e escolhesse um dos nomes. Neste primeiro momento, não revelei a temática dos fotógrafos, o que gerou certa animação e muita curiosidade entre os alunos. Terminadas as escolhas, solicitei aos alunos uma pesquisa sobre o fotógrafo escolhido e um registro sobre a descrição da obra do artista e a relação com os elementos formais, assim, durante o percurso deste processo de investigação o revelar das temáticas e a percepção da poética do artista fotógrafo se efetivaram.

Inspirados pelo trabalho do fotógrafo pesquisado e, considerando a poética pessoal de cada integrante do grupo em operar sentidos e significações no fazer da construção artística, possibilitei que os alunos vivenciassem a invenção poética pessoal e coletiva por meio de percursos de experimentação, buscando e inventando o melhor modo de fazer. Durante o ensaio fotográfico cada grupo produziu uma série de até três fotografias explorando a temática do artista fotógrafo, a relação dos elementos formais e os recursos técnicos sem desvalorizar a percepção estética e a imaginação criadora do grupo.

Vivências e experimentos

Ensinar é algo muito complexo. O ensino da Arte é um grande desafio, pois, nos coloca questões que nos permite utilizar diversas áreas do conhecimento, ela desafia, questiona e levanta hipóteses. Neste sentido, e pensando em desafios instigantes e estéticos, que a escolha da situação de ensino e aprendizagem de Arte: Ensaios Fotográficos e Experimentações no campo de Artes Visuais proposta para os alunos do 2º ano do Ensino Médio, foi sustentada e desenvolvida.

A proposição sobre o estudo da Fotografia, como já mencionado, corresponde à Proposta Curricular do Estado de São Paulo e busca a percepção e a valorização da poética pessoal dos alunos-autores que desenvolveram, vivenciaram e experimentaram esteticamente dando sentido as suas realizações enquanto produtores de arte.

O processo foi desenvolvido através de uma sequência didática e não somente por conteúdos. À luz do psicólogo, educador e pesquisador israelense Reuven Feuerstein, inicialmente discípulo de Jean Piaget, propõe conceitos revolucionários no campo da cognição humana ou, mais precisamente, no campo da aprendizagem e do desenvolvimento humano. Seu pensamento decididamente é contrário à concepção inatista da inteligência, e tem como base a noção de modificabilidade cognitiva, por meio da qual as faculdades intelectuais podem ser expandidas não somente na idade evolutiva, mas mesmo durante todo o curso da vida de um indivíduo. Feuerstein desenvolve o conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM), nela há um emissor mediador com uma intenção muito clara que, segundo o especialista na teoria de Feuerstein, Cristiano Mauro Assis Gomes, seleciona, filtra, organiza, nomeia e dá significados ao mundo dos objetos. O mediador transmite sua visão de mundo ao mediado para que ele possa estabelecer a sua própria visão. Para tanto, o sujeito deve ser exposto a processos para estabelecer conexões neurais, entre os conhecimentos prévios do mediado e o saber do mediador para se produzir uma nova forma de interpretação por parte do mediado.

A teoria da EAM – definida como a qualidade de interação entre o organismo e o meio – produz-se pela interposição de um ser humano iniciado e intencionado, que medeia o mundo e o organismo, criando no indivíduo a propensão ou a tendência à mudança pela interação direta com os estímulos. A EAM é a única que produz flexibilidade, a autoplaticidade na existência humana e, em última instância, oferece-lhe a opção de modificabilidade, tal como temos descrito. (FEUERSTEIN, 1997, p. 15)

Desse modo, realizou-se o processo de ensino-aprendizagem de forma sequencial o que propiciou aos alunos a socialização, a apropriação do texto (através

das pesquisas, da ordenação e organização das ideias subjetivas), bem como o desenvolvimento de seu aspecto cognitivo, o que condiz com o pensamento do professor, pesquisador e psicólogo bielo-russo Lev Semenovitch Vygotsky, de que o cognitivo se desenvolve através de interações. Os alunos seguiram um roteiro com os pontos necessários para atingirem os objetivos que nortearam a proposta, e assim, serem expostos a ações promotoras da construção de um conhecimento compartilhado por todos os envolvidos.

A Arte, como fora dito anteriormente, é compreendida como um instrumento de mediação simbólico fantástico. A integração de outras disciplinas ao processo de aprendizagem dos alunos enriqueceu e otimizou um aprendizado de Arte sob a égide de uma interação mediada de conhecimentos.

A ideia de estudar e trabalhar a fotografia atraiu a atenção significativa dos alunos, inclusive, a experiência que tivemos, descrita anteriormente, foi iniciada com uma conversa que abordou a importância da fotografia para a sociedade e fomentou pontos de vista particulares, trazendo à tona a bagagem de cada aluno e o contato com os meios para se fotografar (fotografia digital, da máquina fotográfica ou do celular) e a relevância de se registrar um fato, um momento íntimo ou efêmero e até mesmo um auto-retrato.

A interdisciplinaridade desta proposta se fez presente no campo da Ciência. Durante a experiência, os alunos puderam associar os conteúdos da aula de Arte aos da aula de Física cujo enfoque também era a refração dos raios de luz. O estudo de um mesmo objeto sob pontos de vista diferentes é propiciado pela interdisciplinaridade que busca reencontrar a identidade do saber na multiplicidade de conhecimentos. Seu objetivo é superar a “visão restrita” do mundo e compreender a complexidade do homem e da realidade. (FAZENDA, 1979 apud LÜCK, 1994, p. 59-60).

Com o aprofundamento dos tópicos conceituais, os alunos ampliaram o conhecimento. Ficaram curiosos quando lhes apresentei alguns itens: uma câmera escura portátil, confeccionada por mim, com caixa de papelão e papel alumínio; um negativo com registros de imagens; uma máquina fotográfica manual de fabricação russa; e o livro “O mais incrível livro de ciências” do autor Jay Young.. Em seguida, fiz uma breve explicação sobre o obturador, que é um dispositivo de abrir e fechar, que controla o tempo de exposição do filme à luz.

A situação de ensino e aprendizagem da Arte, centrada nos Ensaios Fotográficos e experimentações no campo das Artes Visuais, cumpriu os objetivos propostos. Na interação humana, o sentido foi conquistado e construído e isso ficou evidente quando me percebi atuando como professora–mediadora, promovendo

interações nos processos de aprendizagem e colocando meus alunos em movimento. Esse resultado reafirma o pensamento de Piaget no sentido de que você aprende através da ação. Na tomada de ações considerei a realidade dos alunos, observando as suas ações.

Os aspectos negativos dessa experiência educacional serviram de aporte para que eu pudesse repensar, refletir sobre a minha prática, não sobre o que passou, mas sobre o que virá. Pude atentar-me a cada parte do processo e reformular a ação sob a ótica da modificabilidade, isto é, a capacidade de reinventar constantemente, desenvolvendo e vivenciando uma verdadeira experiência estética, como definida por John Dewey, reimprimindo o cotidiano educacional e o sentido de minhas realizações pedagógicas.

Divido o grande mérito com os alunos que foram os que produziram, os que aceitaram a proposta, se envolveram no processo, aprenderam observando, refletindo, criticando, escolhendo e fazendo, construindo-se e efetivando-se ao longo da situação de ensino e aprendizagem da Arte: *Alunos fotógrafos conscientes e críticos, autores de suas próprias fotografias*. Destaco nos ensaios fotográficos produzidos por eles, em especial, a experimentação da produção fotográfica, considerando a temática de fotógrafos previamente pesquisados. Os alunos trabalharam com os aspectos da realidade relacionados ao seu próprio cotidiano.

Outro aspecto positivo, constatado entre observações e conversas durante e após os experimentos, foi o tratamento dado ao tema, à sua abordagem, à sua fundamentação teórica e aos procedimentos necessários à sua produção. Os próprios alunos integraram significativamente a teoria proposta durante as aulas e exercícios envolvendo uma leitura analítica às experiências práticas vivenciadas por eles.

Um aspecto negativo, que ressalto, refere-se à escola. Ao término da produção fotográfica elaborada pelos alunos, cogitou-se uma exposição fotográfica envolvendo todos os trabalhos com a possibilidade de interação com outros alunos de outras salas e séries. Devido à inflexibilidade e o provável desconhecimento do desenvolvimento da percepção e experimentação para o alcance da aprendizagem, o corpo administrativo se manteve desfavorável a essa ação pedagógica e interacionista elaborada por mim juntamente com o corpo discente.

Um dos elementos que viabilizou a proposta, primeiramente, foi o fato de trabalhar a minha crença de que o aluno pode se modificar, de que ele é capaz de aprender, e pelo fato de eu acreditar tanto na proposta quanto nos alunos, no entrosamento de afetividade entre professora-alunos. Para esse fim, um conhecimento prévio da realidade desse alunado foi primordial para convidá-los a

participar integralmente do processo.

Outro elemento não menos importante foi trabalhar com uma sequência didática mediada, onde as informações foram sistematizadas, auxiliando no processo de desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. As atividades no coletivo também formaram um elemento significativo. Neste sentido, constatei que houve um envolvimento do coletivo e, em especial, cada integrante pôde ter suas operações mentais trabalhadas e articulou, assim, o seu pensamento simbólico.

O uso e a manipulação de aparelhos celulares e de máquinas fotográficas para a obtenção da fotografia digital foi muito importante. A curiosidade e as indagações no decorrer do processo foram acentuadas com a participação da disciplina de Física, com os registros audiovisuais e materiais apresentados aos alunos. O acesso à *internet* no laboratório de informática para efetivarem suas pesquisas através de *sites* sugeridos também foi um elemento enriquecedor para este processo.

De modo geral, a experiência aconteceu conforme o planejado. Houve pequenos ajustes necessários como, por exemplo, o processo de criação no qual os alunos produziram fotografias inspirados na temática do fotógrafo pesquisado, sem deixarem de valorizar suas temáticas pessoais. A produção externa também foi feita e os alunos se reuniram para realizarem seus ensaios fotográficos. Mesmo sem a minha presença efetiva, os grupos concluíram os trabalhos e o fato de os alunos morarem próximos uns dos outros facilitou a realização das atividades.

Outro ajuste foi o desenvolvimento de exercícios e da sensibilização para que os alunos reconhecessem e valorizassem suas próprias poéticas pessoais, sem deixarem de admirar as marcas pessoais dos artistas-fotógrafo. Constatei que os alunos gostaram de descobrir a temática do fotógrafo e alguns julgaram como sendo a parte mais interessante do processo: a de inserirem a poética pessoal do grupo intervindo na temática do fotógrafo autor. Isso fez com que os alunos se sentissem e se tornassem autores fotógrafos, produtores de arte.

Os alunos também mencionaram, como um momento importante, a exposição em sala de aula de suas produções e das de seus colegas. Além de descreverem o processo, eles foram elogiados reciprocamente.

A ação mediadora durante todo o processo também merece mérito, uma vez que pude transformar o meu interior e o entorno. Para o sociólogo e um dos principais pensadores da educação moderna Philippe Perrenoud, o papel do educador é mediar o objeto de conhecimento e o aprendiz. Nas mediações busquei a articulação entre as histórias pessoais e coletivas dos aprendizes.

Ao refletir sobre todo esse processo é possível perceber que os arte-

educadores devem ser capazes de criar situações que possam ampliar a leitura e compreensão das pessoas sobre sua cultura e seu mundo. A clara intenção de aprender é um produto da intencionalidade, de reciprocidade. O significado através da mediação é construído a partir da compreensão do porquê deve ser feito e não apenas como pode ser feito.

Portanto, a mediação de significado é a ponte entre o plano cognitivo e o plano afetivo-emocional. Julgo que para possibilitar a sensibilização do estudante, faz-se necessário que o próprio professor se envolva com ampla gama de experiências artístico-culturais. Para tanto é necessário que haja condições para que nós professores tenhamos acesso ao êxtase que nos permita estar fora, sair de nosso mundo cotidiano e experimentar o de outrem que é, “(...) antes de mais nada esta experiência de um mundo possível” (DELEUZE, GUATTARI, 1992, p. 28).

Acredito profundamente que somente uma pessoa que mantém viva a curiosidade, parte fundamental dessa condição humana que é o desejo de conhecer, não deixará de valorizar a qualidade do conhecimento do outro, senão seus procedimentos se tornam mecânicos. É preciso conhecer para agir com consciência, ou seja, aprender e compartilhar nossas aprendizagens.

Considerações finais

Indagando-me sobre que tipo de conhecimento caracteriza a Arte, emergem respostas que a caracterizam como uma forma de conhecimento que favorece o desenvolvimento intelectual. Como qualquer outra área de conhecimento, ela possui conteúdos próprios capazes de estimular situações adequadas à construção de conhecimento aliado à produção artística. Fusari e Ferraz (1992) afirmam que o sucesso de um processo transformador no ensino da Arte depende de um professor cuja prática teórica do saber e do fazer artístico deve estar conectada a uma concepção de Arte e a propostas pedagógicas consistentes. Esse professor precisa saber Arte ao mesmo tempo em que necessita saber ser professor. O professor de Arte deve aprofundar seu conhecimento estético (compreensão e conhecimento dos legados culturais e artísticos da humanidade unindo o fazer e o refletir, o pensar o que faz) e o artístico (vivência das linguagens específicas) e desenvolver uma prática pedagógica com proposições que privilegiem uma relação de proximidade do estudante com o conhecimento cultural e artístico de sua própria e demais culturas.

A pioneira em arte educação no Brasil, Ana Mae Barbosa (2007) ressalta que

a aprendizagem da Arte é obrigatória pela Lei de Diretrizes e Bases (nº9.394/96) – LDB – no ensino Fundamental e no Médio, no entanto, essa obrigatoriedade não é suficiente para garantir a existência da Arte no currículo. Segundo a educadora, somente a ação do professor pode torná-la essencial para favorecer o crescimento dos cidadãos.

Finalizando esta análise, constatei que os objetivos foram alcançados, os alunos se envolveram, aprenderam e experimentaram situações novas. Ao reavaliar minha prática acrescentaria uma categoria ao processo da situação de ensino e de aprendizagem: a *Filmagem*. Filmar os alunos em ação, ou seja, considerando que eles efetivam seus ensaios fotográficos em locais externos à escola, poderia propor aos alunos o registro de suas próprias ações, filmando a elaboração e execução do processo de aprendizagem proposto.

Declaro a importância do professor em se perceber mediador do processo de aprendizagem. Quando o mediador possibilita a construção de significados ao mediado, não só dá a sua visão de mundo, mas também prepara o outro para que ele igualmente possa ter a sua própria visão de mundo, sua própria interpretação. Assim, “(...) uma interação humana somente ganha sentido em sua intenção quando é provida, qualificada e enriquecida, a todo o momento, de significado” (GOMES, 2002, p. 91).

Valorizar a nossa ação pesquisadora, a nossa prática pedagógica, o nosso próprio discurso, valorizar a nós mesmos é dar outro significado à nossa própria existência, numa relação dialógica transpomos nossas ideias e, neste sentido, nossa vida tem um significado ligado ao do outro:

É preciso que, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.

É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2007, p.25).

Referências

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e Mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2007.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

- DEWEY, John. *A arte com Experiência*, in Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1974.
- FAZENDA, 1979 apud LÜCK, Heloísa. *Pedagogia interdisciplinar. Fundamentos teórico-metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FERRAZ, M. Heloisa C.; FUSARI, Maria F. de Rezende. *Metodologia do ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GOMES, Cristiano Mauro Assis. *Feuerstein e a construção mediada do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- MARTINS, Mírian Celeste; GUERRA, M. Terezinha Telles; PICOSQUE, G. *Didática do ensino de arte: a língua do mundo; poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.
- SÃO PAULO. *Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Arte/ Coord. Maria Inês Fini*. São Paulo: SEE, 2008.
- YOUNG, Jay. *O mais incrível livro de ciências*. São Paulo: Melhoramentos, 1995.
- ZAMBONI, Silvio. *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência*. 3ª. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

Elaine Fernandes

Licenciada em Artes Plásticas e Geografia pela UFMS e UNIFIEO. Professora arte-educadora da Rede Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Contato: nanefitness@hotmail.com